

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE SETEMBRO DE 1917

ANO II — N.º 29

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1.500 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 750 | ANO..... 2.450

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

PORTUGAL CINEMATOGRAFADO

A hora da saída d'esta Revista, vão a caminho de Paris, os operadores da casa Gaumont, que aqui estiveram durante tres mezes, cinematographando as nossas paisagens e monumentos.

Vae pois ter o nosso Paiz uma repercussão lá fóra como nunca teve; e no estrangeiro, ao ver-se a nossa bela terra reproduzida pelo cinema, toda a gente ficará sabendo que no extremo occidental da Europa, ha alguma coisa de belo e atrahente e que o nosso solo não é o prolongamento do planalto de *Castilla*.

Um homem com extraordinario amor pela sua terra, o devotado propagandista Magalhães Lima, conseguuiu, como já dissemos, que a casa Gaumont mandasse a Portugal um dos seus mais habéis operadores, para tudo photographar e espalhar pela pellicula.

O programa, conscientemente traçado pela Repartição de Turismo, era de molde a que nada escapasse á projecção, para que a propaganda a fazer fosse completa. Mas um contratempo surgiu, cuja causa bem honrosa para nós, não foi possível reme-

diar. THOMAR — CONVENTO DE CRISTO

Foi o caso Entrada da Igreja que a casa Gaumont, ante o vasto programa, não hesitou em mandar

fitas virgem, de fórma que tudo fosse filmado. Mas o que ella desconhecia, é que o nosso Paiz, apesar da largueza do programa, tinha outros assumptos interessantes; e o operador, na sua viagem pelo Norte, enthusiasmou-se a tal ponto que gastou toda a provisào de que vinha munido!

A pressa é mandada vir nova remessa de fita, mas teve que se poupar, tendo que se pôr muita coisa boa de parte.

Não era possível! E muitos monumentos, muitas paisagens são eliminadas do programa, já pela falta de materia prima, já pela carencia de tempo.

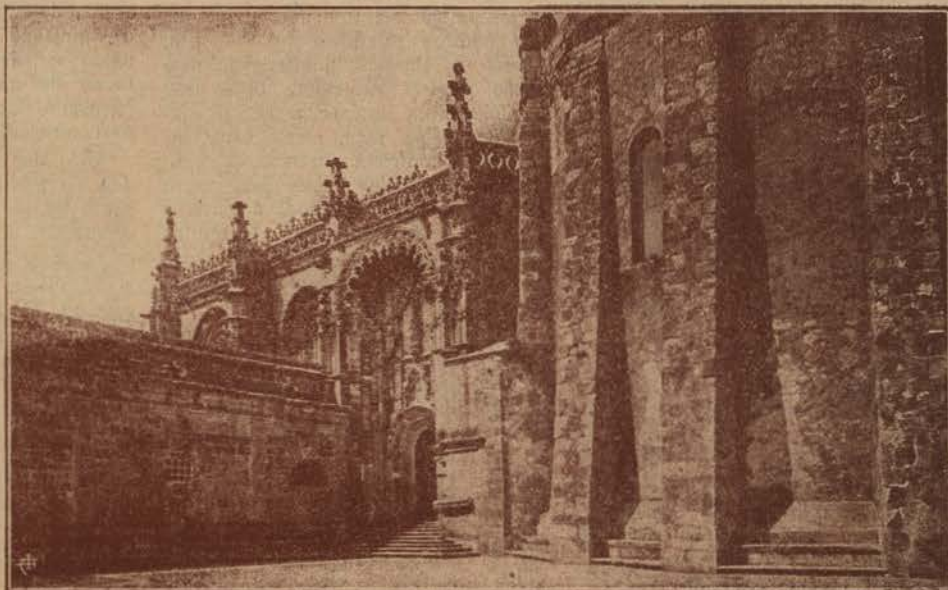
Alguna coisa porém se fez, e até

nova viagem cinematographica, o nosso paiz irá mostrando aos olhos extasiados do mundo inteiro, a riqueza dos seus monumentos e a beleza surpreendente das suas paisagens.

Nada menos de trinta pelliculas foram tiradas, e a sua propaganda ha-de ser lisongeira, mesmo porque o operador, um artista com longo conhecimento do seu officio, pôz todo o seu saber na escolha dos assumptos a filmar, deixando de lado o que se pôdia tornar banal.

Devemos ainda dizer, que nenhum paiz até agora teve, relativamente, tão grande propaganda pela casa Gaumont, como o nosso.

Para o bom exito d'esta propaganda muito concorreram, a Repartição de Turismo, a Propaganda de Portugal, Sociedade de Propaganda e Defeza de Coimbra e muitas outras associações e alguns municipios e autoridades. Mas



nem todos, infelizmente, deram o seu concurso como era de esperar; pois na maioria das terras, os operadores passaram através de uma indiferença notável, sem que ninguém os auxiliasse com uma informação. E até mesmo houve quem os quizesse explorar, e, um pouco mais, pedir-lhe-hiam uma cifra qualquer pelas paisagens que filmassem...

Uma das coisas mais características seria sem duvida a vida dos nossos campos, com a indumentaria respectiva e com as alfayas e viação agrícola regional.

Pois foi um castigo para alguma coisa se conseguir.

Os ranchos de raparigas da lavoura do norte, que tanto interesse tem merecido a toda a gente e que ás auctoridades competia organizar, pouco ou quasi nada se filmou.

As romarias, tão características, tão ingenuamente populares, também não tiveram a representação que era de esperar porque nem os interessados da festa, nem as auctoridades se mexeram.

Algumas camaras municipaes, a quem foi solicitado o seu concurso, nem um simples amanuense pozeram á disposição dos operadores, para informar, para os acompanhar. E não pensem os leitores que foram os municipios de alguma pobre vila sertaneja; mas, entre outros, o de Braga, a capital do Minho, o de Estremoz a primeira vila do Alemtejo.

Lamentavel não é verdade!

Só os caminhos de ferro comprehenderam o seu papel, oferecendo aos operadores, passes de livre circulação em todas as linhas e em todos os comboios.

Alguns até, apesar da grave crise de combustivel, quizeram dar comboios especiaes.

Das auctoridades aduaneiras, valhanos Deus, é melhor não falar. Sempre o eterno fisco.

Mas, como já dissémos, uma nova viagem se projecta, e então veremos se depois das fitas exibidas em todos os animatographos, toda a gente se compenetra, que é preciso fazer mais alguma coisa em proveito da nossa terra tão interessante e tão superiormente bela.

Comboios de recreio entre Porto e Braga

A Direcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro, em virtude da afluencia aos domingos de passageiros para Braga, resolveu estabelecer os antigos comboios de recreio, que partem respectivamente, do Porto ás 7.27 e de Braga ás 22.20.

COISAS PORTUGUEZAS!...

QUEM tenha viajado um pouco pelo nosso paiz, quem tenha tido a louvavel coragem de querer ver as lindas terras de Portugal, não póde deixar de confessar que, miscuindo-se com as impressões mais vivas, mais palpitantes, das paizagens soberbas, do extasiante pittoresco de tantos lugares, da interessante variedade de costumes, se não apagam nunca as tristes recordações do que são, entre nós, os meios de transporte, as condições de alojamento, as commodidades menos exigentes, que não só desolam mas dissuadem de novas villegiaturas.

Fóra dos grandes centros — Lisboa e Porto —, a vida portugueza definha, estorce-se, morre, não porque lhe falte o oxygenio puro da Natureza, não porque lhe escasseie o ar livre das planicies e das montanhas hygienicas, mas porque a algemam, a martyrizam, a torturam, á mingua dos mais comezinhos beneficios do Progreso.

Na verdade, se, aqui ou ali, tem podido a iniciativa particular, n'uma luta de ousado patriotismo, affirmar-se briosamente, conseguindo tornar accessiveis e deleitosas algumas localidades, esse esforço nem tem sido acompanhado pelos interessados directos, nem comprehendido no grande resto da terra lusitana, nem animado pelas estações officiaes.

Abstráimos, é claro, as presentes circumstancias anormaes do detestavel serviço ferro-viario, a começar pelos horarios pavorosos dos ultimos tempos, pois que ellas — valha-nos, ao menos, este sorriso de esperanza! — promettem ser transitorias. Ao que nos cumpre referir-nos, porque isso traduz a classica indiferença pelo nosso proprio bem-estar, porque isso implicitamente caracteriza uma das faces da nossa raça, pouco especuladora, é á completa ausencia de organização dos meios locais para que o visitante encontre em toda a parte, a dentro dos elementos de acção que se possam reunir, a atracção e o conforto a que tem jus todos aquelles que vão gastar o seu dinheiro.

E, sem queremos apontar o muito que ha para ver, sob o ponto de vista do ostracismo a que continua votado, na generalidade, o desenvolvimento do gosto pelas viagens em Portugal; sem irmos buscar os lindos pontos de segunda categoria chorographica; sem falarmos das pequenas povoações cujas bellezas se perdem n'uma luta grave com a deficiencia dos seus limites e a pobreza das suas relações

com o resto do paiz; exemplificaremos a razão da nossa magua e das nossas queixas com uma das cidades lusitanas: — a Guarda.

A Guarda — na muda linguagem dos mappas e na letra eloquente das leis administrativas — é a capital d'um districto portuguez. Tem os seus monumentos seculares, os seus lugares historicos, os seus requisitos tradicionais, os seus encantos panoramicos... Mas é quasi nullo o movimento nas suas arterias, restricto aos habitantes e a um ou outro endinheirado que vá cumprir o dever imperioso de vizitar parentes ou amigos no sanatorio. População fluctuante não ha, nem póde haver, desde que o abandono domina a vetusta cidade, que bem digna era de lhe insuflarem energia vital.

Entre a Guarda e a sua estação ferro-viaria, coleia-se uma ribanceira de seis kilometros; mas o incauto viajante, saindo do comboio, fatigado das setenta e uma leguas arrastadas, desde Lisboa, por uma locomotiva indolente, não encontra na estação um vehiculo que o leve, rampa acima, até ao coração cidadão, onde descansa. A's vezes, por obra do acaso, estaciona ali uma carroça, que leva as malas postaes; haverá, portanto, algum feliz que possa gabar-se de chegar á Guarda... com os ossos n'um feixe... por três tostões; aliás, o telegrapho se encarregará de lhe chamar um automovel, que em quinze minutos o fará esportular a insignificancia de... dois escudos e meio!

E' verdade que, na vertiginosa carreira do automovel, nem sequer temos tempo de encontrar o motivo por que o municipio egitaniense não tem tomado a peito a vantagem dos meios faceis de transporte, subsidiando ou custeando carreiras decentes a todos os comboios...

Ah! Mas encontram-se na Guarda dois ou três automoveis!... Em compensação, é terra onde não ha uma carruagem de aluguer!...

Passa-se ao capitulo *Hospedagem*, e installa-se uma pessoa no melhor que ha. Mês regular, por preço supportavel; mas quartos d'uma sem-ceremonia absoluta, com passagens dependentes d'outras, apenas defendidos por divisorias de lona rôta, caçados de modo a gizarem o fato que tocar nas paredes, mobilados desde muito antes da invasão dos suevos, as camas desmembradas ou decapitadas... á espera, talvez, de que algum antiquario generoso as adquira e... deite fóra.

Em summa, um paraizo!

Entretanto, a soberba Serra da Estrella, embalando no seu regaço enorme a cidade da Guarda, afaga-a carinhosamente aos olhos maravilhados do vizitante, rasgando diante d'elles panoramas esplendidos, só manchados pela falta d'uma arborização methodica! Entretanto, os velhos edificios da cidade procuram attrair as vistas dos entendidos com a sua architectura

curiosa! Entretanto, pelos seus arredores pittorescos espreitam-nos trechos interessantissimos, que tanto podiam inspirar a paleta dos pintores de arte! Entretanto... surge-nos este desabafo condoído:

— O' Terra Portugueza, ó Patria, como te deixam definhar na ignorancia do que és, ou como te desprezam para que não sejas o que devias ser!...

FERNANDO MENDES

O TURISMO EM PORTUGAL

A GRANDE FEIRA DE LISBOA

UMA SEDUCTORA TENTATIVA

PARA se crear turismo necessario se torna crear atractivos. Embora as condições de qualquer paiz, as suas riquezas historicas e os seus progressos nas artes e nas industrias possam oferecer, de per si ou conjunctamente, uma natural atracção, esta não surtirá os efeitos desejados se não apresentar simultaneamente outros motivos que tambem lhe deem ser.

A França, para conseguir atingir o grau de desenvolvimento a que chegou o turismo no seu paiz, não cuidou só de proporcionar as maiores comodidades aos seus visitantes; foi gradual e paralelamente oferecendo-lhes, com requintes de subtiliza, as distrações que podiam levar ao espirito da sua população fluctuante não só um agradável prazer, mas, ao mesmo tempo, o conhecimento da sua acção, dos seus usos e costumes, das suas manifestações artisticas, industriaes e commerciaes. Obedecendo a esse criterio, promoveu as memoraveis exposições de Paris que, não obstante terem um cunho de internacionalismo, tiveram por unico fim chamar a atenção mundial para essa bela nação. E esse grande reclame que foi sabiamente aproveitado, produziu os desejados efeitos; podendo attribuir-se-lhe, em grande parte, a origem do desenvolvimento turistico em França.

Ora, será — talvez — estulta pretensão pensar-se em organizar em Lisboa uma feira internacional, enquanto o nosso Paiz não estiver preparado para uma longa vida de turismo; mas não nos parece nenhuma utopia fazer-se a tentativa de se levar á pratica, em occasião oportuna, uma grande feira nacional na nossa primeira cidade.

Já n'um artigo que, ha tempo, aqui publicámos, advogando a idéa de se fazer desaparecer a celebre *feira de*

agosto, que annualmente se exhibia nos terrenos da Rotunda da Avenida, se alvitava a organização d'uma feira em Lisboa, onde os productos da nossa actividade em todos os seus ramos, tivessem ensejo de se mostrar. A esse certamen poder-se-hia dar a denominação de *Grande feira de Lisboa*.

Obvio é, sem duvida, fazer sobre-sahir todos os resultados beneficos que se manifestariam em toda a nossa vida. Não devemos, comtudo, deixar de salientar a animação que consequentemente esse facto traria ao commercio, aos hoteis, aos theatros, empresas de transportes, etc.

E', pois, essa ideia que, com mais clareza, voltamos hoje a defender, por nos parecer que uma das principaes causas da estagnação da nossa vida, da nossa falta de iniciativa, d'esta indolencia que symbolicamente nos caracteriza é, precisamente, o desconhecimento que existe entre nós, do nosso próprio valor.

Em Portugal, todos leem noticias politicas e emphaticamente discutem as suas consequencias; toda a gente diz que nada temos, e que só lá fóra é que ha de tudo; que somos um povo, em estado de selvatico atrazo, e que só o estrangeiro é que é progressivo; todavia, todas as pessoas que assim falam, fingindo ter um grande conhecimento de facto, não sabem sequer o que realmente possui o Paiz, nem ao menos — na grande maioria — conhecem a sua historia. D'ahi resulta que os nossos progressos nas artes e industrias, são desconhecidos; o desenvolvimento commercial e agricola, passa despercebido, por completa ausencia d'um natural interesse; a existencia das nossas riquezas e das nossas belezas naturaes e artificiaes, é quasi que absolutamente

extranha, porque a maior parte d'essa gente, que não viaja em Portugal por falta de comodidades, sujeita-se, no estrangeiro, a todos os incomodos que lhe proporcionam e fica muito satisfeita; vindo depois contar que visitou Madrid, que é lindo; que esteve em Paris, que é encantador; que passou por Londres, que é soberbo; e que voltou pela Suissa, que é admiravel; mas não conhece, na maioria dos casos, nem... o nosso magestoso palacio de Queluz, que fica distante de Lisboa 30 minutos, em comboio!

Pois bem — a occasião é oportuna para se lançar a semente á terra; e é possivel que, se a sementeira fór feita com verdadeiro interesse, a colheita corresponda ou exceda, até, a nossa previsão.

Comecemos, pois, por nos instruirmos no turismo nacional, e um dos primeiros passos que, n'esse sentido, devemos dar, poderá ser a organização d'essa grande feira, onde, a par da representação de tudo quanto no nosso Paiz se manifesta por um valor real, se exhibam todas as forças activas em que assenta a nossa vitalidade, se mostrem os factores preponderantes da economia nacional e, muito especialmente, se desperte o enthusiasmo e se faça gerar o mais sagrado dos sentimentos: *o amor patrio*. Esses proveitosissimos resultados só podem ser beneficentemente auferidos por meio d'uma grande exposição ou feira, cuja organização seja cuidadosa e criteriosamente estudada.

O momento não é oportuno para a sua immediata execução; mas poder-se-ha desde já pensar nos topicos que possam servir de guia ao estudo que é indispensavel elaborar para se conseguir o resultado desejado n'essa primeira experiencia a que nos devemos sujeitar.

Confirmando, pois, o nosso aivite, incondicionalmente damos todo o nosso concurso á sua realisacção, esperando em que as flores de Maio perfumem um dia o ambiente da Grande Feira de Lisboa.

JOSÉ LISBOA.

Magalhães Lima

PARTE DO proximo dia 10 para Paris, onde vae fazer parte do Congresso Intellectual Anglo-latino, o grande propagandista e presidente do Conselho de Turismo e da Sociedade Propaganda de Portugal, sr. Dr. Magalhães Lima.

Escusado será fazer notar quão elevado é o interesse que resulta para nós das viagens do grande tribuno, nas suas constantes idas ao estrangeiro, pois é isso do conhecimento de toda a gente.

Que as suas palavras de louvor e engrandecimento pela nossa terra, tenham lá fóra o echo que a sua alma deseja, são os nossos mais ardentes votos.

REFLEXÕES AMARGAS

Não são d'um mal dizente as reflexões que se seguem.

São do amigo do nosso Paiz, e um dos seus mais devotados propagandistas, o sr. Mendonça e Costa; que viaja, actualmente em Portugal em pacientes longadas, á falta certamente, das grandes excursões ao estrangeiro, o que tanto se habituára a fazer.

Na «Gazeta dos Caminhos de Ferro» d'onde tirámos o artigo que ahí vae, exalta o sr. Mendonça e Costa, as suas impressões de satisfação, quando se lhe depara um melhoramento, e o seu desgosto quando encontra o tão habitual desleixo d'aquelles que, com saber e intelligencia, deixam estorvar as nossas maravilhas de arte.

*
«No caso da pequena excursão que vamos descrever, nem de automovel se pode fazer todo o trajecto, porque n'um ponto — e tão importante que é o unico caminho que liga directamente os districtos de Coimbra e Castello Branco — não ha estrada, existindo um simples caminho antigo onde nem os trens mesmo com difficuldade passam.

Só para cabras; e assim é, tanto se chama Cabril.

O comboio leva-nos a Thomar, a aprazível cidade nas margens do Nabão e que deveria ser ponto obrigado de numerosas excursões de turismo, se o nosso *feito* não fosse avesso a tudo o que é conforto moderno.

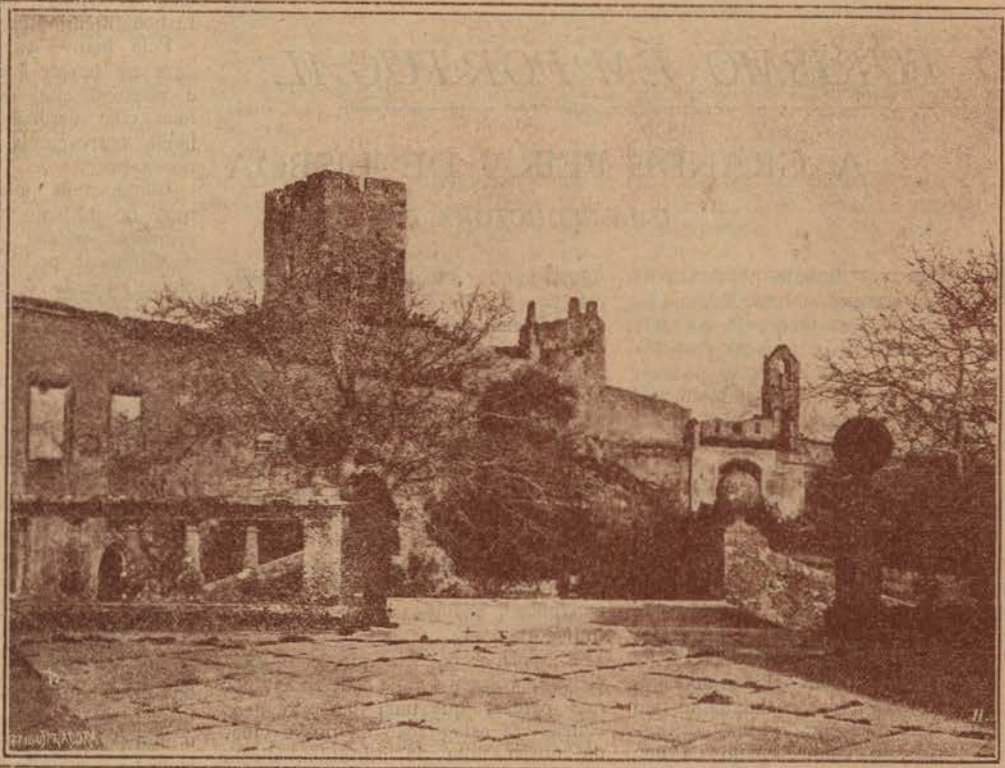
Ahí parámos no antigo hotel União, um modesto hotel de provincia — ao menos limpo, com boa meza e camas pouco duras.

E vamos rever a cidade que ha tanto tempo não visitamos.

Tudo na mesma, como ha dez annos.

Na mesma, não.

O caminho do convento, pelo qual o nosso querido amigo doutor Vieira Guimarães, com o seu grande amor pela sua terra, tanto tem luctado para que seja melhorado, está em parte obstruído pela quéda de uma trincheira; e quem quizer ir vêr aquella preciosidade historica tem de ir pelo ca-



CASTELO DE THOMAR

minho velho, partindo da Varzea, se não quizer arriscar a integridade dos ossos, marinhando sobre montes de pedras e terras em derrocada.

Mais e melhor, ou peor!

O convento está applicado a quartel do regimento de infantaria 15, que se acha na posse de todos os claustros e dependencias, inclusivé o bello claustro de D. João III.

Aos visitantes só se mostra o pequeno claustro do Cemiterio e para se ver a lindissima janella do Refeitório ha que passar por um corredor e descer uma ingreme escada.

Mas é melhor não ir lá, porque se evita o desgosto de ver que alguns dos bellos ornamentos que a emolduram estão quebrados por pedras (que se veem cahidas em grande numero) atiradas pela estupidez de alguns vândalos que n'isso tem encontrado prazer.

Isto é o que se vê; como estará o resto?!

Com vista á Commissão de Monumentos Nacionaes e á solicita Reparação de Turismo. Que ellas vejam, se é facto, como nos contaram, que até taboas do tecto da sala dos Tres Estados foram arrancadas... para queimar!...

E houve, até, ao que nos disseram, um *artístico* official que chegou a aventar a ideia de se instalar a se-

cretaria do regimento ou os dormitórios... na egreja dos Cavalleiros de Christo, valendo o voto do commandante para se salvar esta pequena parte do monumento!

Sahindo d'alli, penalizados, consolamos a vista, e a alma, ao ver que, ao menos, algum cuidado tem merecido a conservação das ameias do castello de Gualdim Paes.

Algumas acham-se reparadas e consolidadas, bem que melhor fóra que os ferrolhos que se applicaram para este fim fossem escondidos na grossura da alvenaria evitando-se o aspecto anachronico que offerecem as modernas rodellas de ferro, por fóra dos muros. Mas, emfim, antes isso.

No resto da cidade nem um melhoramento!

E leramos, e temos ainda na memoria, o livro ultimamente publicado

pelo sr. Torres Pinheiro, que foi presidente da Camara Municipal, durante 14 annos, e em que se demonstram os serviços, que elle e as vereações a que presidiu, prestaram á cidade até 1904.

Escolas, industrial e central; estradas; plantação de arvores e embelezamentos do jardim; abastecimento de bella agua potavel; construcção do coreto na avenida; canalisações de esgotos; e quantas obras importantes alli se fizeram! De então até hoje, vae quasi outro igual periodo, e nada consta que se tenha feito!

A proposito do auctor d'este livro, tão interessante para a historia de Thomar, vem fallar da bella propriedade que o sr. Torres Pinheiro possui, junto á ponte, e que é notavel só pela enorme variedade de rosas, todas perfeitamente classificadas, pela multiplicidade de outras flores, que

O visitante que deseje ver este precioso exemplar, obtem facilmente licença para isso, do seu feliz possuidor, sempre amavelmente prompto a mostrar a extranhos as bellas da sua terra.

Para excursionar de Thomar ia-se antigamente alugar carro ao escriptorio da Companhia Viação. Era ella um Estado no Estado, e tal influencia tinha, que, exercendo-a, impediu em tempo (1887 e annos seguintes) que fôsse por diante a ideia da construcção d'uma linha ferrea de Payalvo a Thomar.

Se tal opposição não tivesse havido, já ha cerca de 30 annos Thomar estaria ligada por caminho de ferro a todo o paiz.

Hoje a companhia acaba de liquidar com um passivo de algumas dezenas de contos; os seus haveres foram vendidos ha dois dias, e quem

Na Figueira da Foz

INSTALAÇÃO DO «TENNIS CLUB»

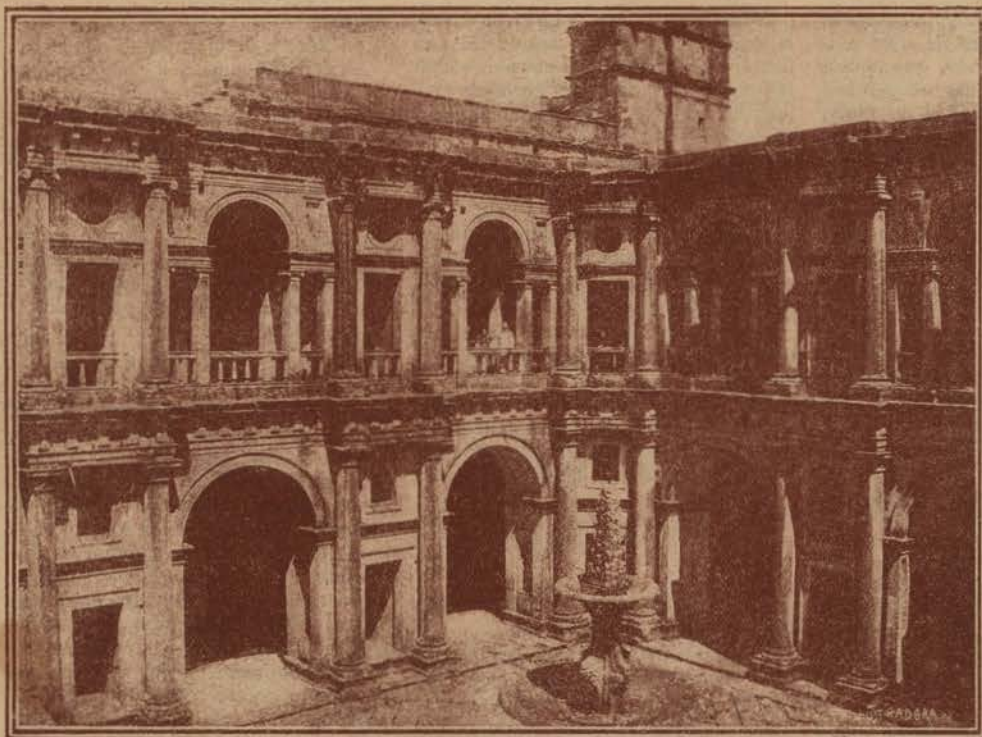
A elegante praia da Figueira da Foz é uma das que mais tem procurado crear atrações para os banhistas, e algum exito tem conseguido dos seus esforços, pois que a ella concorrem, anualmente, milhares de nacionaes e estrangeiros que ali vão fazer tratamento balnear, gozando, ao mesmo tempo, das muitas belezas que ella naturalmente oferece.

Muito se poderia fazer n'essa privilegiada estancia, quer sob o ponto de vista da atração de maior numero de banhistas, quer sob a idéa de preparal'a para centro de turismo, se ali houvesse uma comissão especial de defeza dos interesses da Cidade, e que amorosamente trabalhasse para o seu desenvolvimento e para o aproveitamento das suas riquezas naturaes; o que seria relativamente facil pelas condições excepcionaes que a distinguem.

Parece-nos que, se a iniciativa particular não arrogar a si essa patriótica incumbencia, os progressos que a Figueira podia e devia anualmente registar ficarão apenas na mente dos que, talvez, pudessem congregiar as boas vontades existentes, a fim de levar a cabo os emprehendimentos necessarios, e que muito reverteriam em interesse geral de todos os figueirense.

Por isso, é-nos grato registar um melhoramento que acaba de efectivar-se e que foi a abertura do novo campo de jogos desportivos, denominado «Tennis Club», devido á iniciativa dos Srs. Drs. Luiz Carrisso e Antonio d'Azevedo, com a valiosa colaboração do distincto engenheiro Sr. D. Luiz de Mello Correia, tres verdadeiros *sportmen* e dedicados amigos da Figueira.

A abertura official do campo, que encerra um amplo «court» de «tennis», «rink» de patinagem com a superficie



THOMAR—
CLAUSTRO DO CONVENTO DE CRISTO

pela sua quantidade e primoroso tratamento transformam a horta n'um enorme jardim, e ainda especialmente pela grande magnolia, exemplar unico no paiz, que faz a admiração de botanicos e profanos.

Calcula-se que ella terá não menos de tres seculos. O seu tronco eleva-se a mais de 20 metros, medindo, á altura de um metro, 3^m,80 de grossura; a ramagem attinge a prodigiosa circumferencia de 40 metros.

quer trem para passeios pode servir-se dos do alquilador Pimenta Leal, que serve rasoavelmente.»

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliothecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñas, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

de 700 metros quadrados, magníficos pavilhões para gabinete da direcção, hygienicas retretes, «toilettes» para senhoras e cavalheiros, com esplendidos quartões de banho, bufete e arrecadação, bem como muitas dependencias para outros jogos desportivos, realizou-se no dia 20 ultimo.

A situação do novo campo de desportos é magnifica a todos os titulos, pois que foram aproveitados para esse fim os terrenos juntos da foz do Mondego e que marginam a bela praia.

A direcção ficou assim constituída:

Conde de Vinho e Almedina, presidente; D. Luiz de Melo Correia, vice-presidente e Henrique Mendes Ramos, thesoureiro.

Fazemos votos para que outros melhoramentos se sigam, de fórma a dotar a bela praia da Figueira com todos os atractivos que a possam egualar ou exceder as suas concorrentes estrangeiras, no conforto, comodidades, distrações, bem estar, etc., porque a sua situação geographica é, alem de incomparavel, privilegiadissima para ser uma das principaes praias da Europa.

ARTE E LITERATURA

AMOR LOUCO

DE GUERRA MAIO

DA solidão do Choupal sahiam ás vezes os acordes de uma guitarra gemendo um fado, que aquele despreocupado estudante requiebrava em ais, que lhe saiam lá do fundo d'alma e que faziam palpitar o coração das boas lavadeiras que ás vezes paravam de lavar, para ouvir aquelas baladas de paixão assim atiradas ao vento. O Mondego parecia também demorar-se na corrente, para ouvir tão doce e sonhadora melodia.

Todas o amavam, ele não amava ninguém.

Sonhara decerto com um amor distante, que um dia viesse dar socego e paz á sua alma de artista e ao seu coração cheio de um romantismo que já não é dado ver-se no seculo XX.

Com o seu grau de bacharel, partiu um dia para Lisboa, e na estação velha, da janela da carruagem viu olhos meigos de tricanas despedir lagrimas de saudade por ele que partia para sempre.

O comboio rolou, e ao deixar Coimbra deu um grande adeus ao choupal tão seu amigo e á Universidade que se espelhava nas inquietas aguas do seu saudoso Mondego.

Um mez depois n'uma placa a esmaltar uma porta lia-se:

JOSÉ SOEIRO — ADVOCADO

Dois longos meses ali jazeu, até que atirou com o bacharelato para um canto, por lhe repugnar defender assasinos e ladrões.

Velhas amizades acolheram-no n'um escriptorio de uma companhia e em pouco tempo gosou a confiança e simpatia do seu chefe.

Um dia n'um baile apresentaram-lhe uma senhora para dançar.

Valsaram. E no rodopio da valsa, notou que os olhos negros da sua dama, lhe feriam os seus, e sentia junto a si, aquele fragil corpo de mulher, domina-lo e envolve-lo n'um grande sonho de amor.

Estava vencido.

Não era a mulher que o seu romantismo idealisara, mas via no calor das suas palavras, na constancia da sua amizade, tanta firmeza e dedicacão, que em pouco tempo se tomou o mais dedicado dos amantes.

Nada mais via no mundo que a sua adorada Clara; ela a seu credo, o seu breviario.

Um dia um colega, no escriptorio, dirigiu-lhe uma frase que atingiu cruelmente a sua amada, ele respondeu-lhe arremegando-lhe um tinteiro á cabeça.

Foi despedido.

Clara respondeu áquele gesto esquecendo-o.

Viu-se só.

A' falta de emprego melhor fez-se caixeiro do comercio.

E quantas vezes ao regressar de uma viagem pelas estradas interminaveis do Alentejo, ele se via n'um quarto d'uma modesta hospedaria, com o fato poeirento, a recordar com amargura o seu Ideal desfeito: — A sua casa em Lisboa, modesta, cheia de sol, a alegria infantil de duas crianças que viriam completar a sua felicidade, o seu emprego fartamente remunerado que seria a fonte da sua vida.

E ele estava ali só, diante das suas malas enormes, cheias de amostras e n'um pobre e solitario quarto de hospedaria alentejana.

Um dia ao jantar deparou com um discipulo de Coimbra.

— Oh! *Trinchão*.

— Oh! Soeiro.

Um grande abraço vinculou aquella velha amizade.

— Que fazes tu por aqui? Estás queimado do sol! Estás velho, que tens feito, rapaz?

Contou a sua triste odisseia.

— Sempre o amor! Ora deixa-te d'isso, sempre o mesmo romantico. Olha meu amigo, o amor é uma cantiga, o amor é o dinheiro, casa-te com uma mulher rica, embora não gostes d'ela, quando te aborreceres, divorcio.

— Mas isso não é casar é vender-me, disse Soeiro, que o ouvia em silencio.

— Ora venderes-te. Estás peor, supões que a tua noiva te deixou para amar outro; foi para se vender, e como era bonita, vendeu-se por bom preço.

Um rubor subiu ás faces de José Soeiro que em pouco se tornaram lividas.

— Tens tido noticias d'ela? — proseguiu.

— Não, e desejo mesmo não as ter.

— Olha lá, queres ir para official do Registo Civil? Está um lugar vago ao pé de Leiria, boa terra, ha muito casamento, e sobretudo muito batisado, o Raposo, conhecias o Julião Raposo? o *Arcaboico*, saiu agora de lá e disse que não havia terra melhor, todos os rapazes casam aos 20 anos e as raparigas aos 15. Depois aquilo d'uma fecundidade! A's vezes eram aos pares. Tens o teu futuro garantido. O lugar está vago e dentro de 15 dias estás na tua *paróquia*.

Do alto da diligencia, José Soeiro, a caminho do seu novo emprego, deitava uns olhares cheios de melancolia para as veigas de milharais viçosos e enquanto pensava na irrisão do destino. Ele que sonhara com a felicidade no casamento ia agora casar os outros.

Ao apaar-se á porta do Registo Civil, a mulher do boticario visinho, afirmou ao marido que o novo official era homem de respeito, em nada se parecia com aquele bregeirão que tinha abalado.

No dia seguinte, ao tomar posse do lugar, entrou-lhe no gabinete um rapaz baixo, gordo, ares de morgado rico, que aprasou o seu casamento para o dia seguinte.

Na sala do registo civil, entraram os primeiros convidados. Atraz vinha a noiva, em cujo rosto mais palido que o seu vestido de neve, brilhavam dois olhos, grandes e negros como duas amoras maduras.

José Soeiro, ao vê-la estremece, quer apresentar serenidade. Impossivel. Era ela!

A sua Clara, a sua doce amada, ia agora por aquela cruel irrisão do destino ser casada por ele. Ela encarou-o com serenidade, tinha-o esquecido.

Fez-se o registo. O noivo foi junto do oficial, assinou o termo, depois ela começou a escrever com a mão tremula Cl... mas a pena caiu-lhe da mão; o amante repudiado apertara-lhe o pescoço com tal furor que quando lh'a tiraram das mãos estava morta.

José Soeiro, atirou ao atonito noivo uma gargalhada de sarcasmo, enorme, prolongada.

Tinha endoidecido.



BIBLIOGRAPHIA

«Em terra de ingratos...»

Por OLDIRO CESAR e CRUZ MAGALHÃES

E mais um livro publicado em prol da causa Camiliana.

E agora, dois dos mais arreigados admiradores do grande romancista, reuniram nas paginas de um volume, a campanha que de ha muito veem debatendo na imprensa a tal respeito.

Camilo Castelo Branco, é talvez o escriptor portuguez que mais fanaticos admiradores possui, mas apesar d'isso, ainda o bronze não perpetuou a sua memoria, nem as suas preciosidades foram reunidas n'um museu. D'isso se queixam os auctores do livro *Em terra de Ingratos...* agora sahido á luz da publicidade.

O grande escriptor, arrastou consigo para o tumulo a infelicidade que o amortallou na vida, e nem os brados d'alma que Cruz Magalhães e Oldiro Cesar, espalharam pela imprensa, agora coligidos, valeram aos seus devotados admiradores, a união dos seus esforços para que a patria se desobrigue com a dívida em aberto ao fecundo escriptor.

Ainda no mesmo livro é tratado o pouco interesse que ao governo tem merecido os netos de Camilo alguns em precarias condições.

Que o novo trabalho dos dois grandes admiradores de Camilo venham a ter o resultado desejado são os nossos melhores votos.

G. M.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

AS CALDAS DE MONCHIQUE

UMA VISITA A'S THERMAS

SATFAZENDO a um muito amavel convite que nos fora feito pelo abalariado clinico, sr. Dr. João Bentes Castel-Branco, ilustre director do sanatorio das Caldas de Monchique, acabamos de fazer uma demorada visita a esse vasto estabelecimento, cujas impressões vamos descrever, tanto quanto á nossa observação suggeriram.

DE LONGADA ATÉ O ALGARVE

Como se sabe, a serra de Monchique domina o extremo sudoeste do nosso continente; e, por isso, o caminho a seguir-se para essa linda cambiante do solo portuguez tem de fazer-se — quer por mar, quer por terra — atravessando-se uma parte da alegre provincia algarvia.

A viagem por terra (que foi a que seguimos) dispõe-nos, de começo — pela agradabilissima travessia do Tejo até o Barreiro — com um bom humor para suportar-se uma notada sobre o rodado d'um comboio *semi-rapido* entre as estações, pelo uso da lenha como combustível, e para tolerar-se as paragens quasi interminaveis a que o obrigam nas diversas estações do percurso, se bem que isso favoreça — até certo ponto — os passageiros que desejem utilizar, tambem, a viagem, para um estudo da actividade e da sciencia economica empregadas actualmente nos nossos caminhos de ferro e, em especial, nos do Estado.

Devemos, porem, aproveitar o ensejo para dizermos que, se encontramos uma assignalada comodidade nas carruagens do comboio que nos conduziu, principalmente nas de primeira classe, fomos, em contraposição, aprehendidos desagradavelmente pelo pessimo serviço dos bufetes de Beja e de Tunes.

Ha linhas, mesmo em Portugal, onde as cantinas se apresentam não só diferentes em accio e conforto, mas com um serviço que deixa a perder de vista o d'aquelles dois restaurantes, instalados em estações de entroncamento e onde a affluencia de passageiros é sempre numerosa.

Aqui deixamos, pois, consignada a nossa justa reclamação, confiados em que a zelosa Direcção dos Caminhos de ferro do Sul e Sueste preste ao assumpto a atenção que elle merece.

DE PORTIMÃO ÁS CALDAS

Após quatorze e meia horas de comboio, em que atravessámos todo o imenso Alentejo, e depois de gozarmos o espectáculo incomparavel do raiz da aurora por entre a original vegetação algarvia, chegamos a Vila Nova de Portimão, pequeno burgo banhado pela ria do mesmo nome e que serve, por assim dizer, de porta d'entrada para a nossa região mais solar.

Ahi, um ligeiro *Fiat*, que nos esperava, transportou-nos por uma estrada sem fim, cortando montanhas, atravessando prados, ora ladeando a encosta da serra, ora marginando pequenas lezírias.

Pela rectaguarda do nosso auto, nuvens de poeira — como as que encobriam a caravana do Grande Cagliostro — vedavam os panoramas que nos ficavam para traz, no continuo deslizar pela ladeira, que sobe até a altura de perto de 800 metros acima do nivel maritimo.

Ao cabo de quasi uma hora de jornada, entra-se no ramal do Banho, que dá acesso

ao pitoresco logar das thermas de Monchique, situado n'um vale ladeado por hotéis, chalets, pequenas habitações, etc., sabendo sobre um fundo de frondoso arvoredo.

DE VISITA AS THERMAS

Refeitos dos abalos produzidos por essa longa jornada, demos começo ás nossas observações locais, como que instruindo-nos preparatoriamente para, com a atenção devida, avaliarmos os motivos que deram origem á nossa visita.

As Caldas de Monchique são já bastante conhecidas; e a sua excellencia tem sido por tantas vezes comprovada em admiraveis curas, que escusado será juntarmos a nossa — aliás — insignificante opinião, sobre a parte propriamente technica na sua acção medical, aos mais authenticos e indiscutíveis atestados. Elles contam-se por milhares de pessoas que, desde o tempo dos romanos, ali tem encontrado alivio para as suas paralyas, para os insuportaveis ataques de rheumatismo de que tanto enferma uma parte da humanidade, para as incomodativas doenças de estomago de que geralmente padece a restante população portugueza. E não só esta tem tido a felicidade de voltar curado das Caldas de Monchique; mas, igualmente, uma maioria consideravel dos povos da Andaluzia tem bendito a hora em que se encontrou n'esse magnifico sanatorio.

De passagem, devemos dizer n'este capitulo, que para os bons resultados obtidos n'essas thermas, muito tem contribuido a sabia proficiencia do seu ilustre Director, e o regimen de vida que n'elas se tem seguido, segundo as doenças e as caracteristicas das suas phases.

Como estação thermal, essa estancia impõe-se, para a cura de rheumatismo, doenças de pele, do estomago e dos intestinos, da gota, assim como diabetes.

Ha, porem, uma outra acção que, por igual, recommenda e faz distinguir as Caldas de Monchique. E' como

ESTAÇÃO DE REPOUSO

As curas de repouso fisiologico e de ar puro, são hoje absolutamente indispensaveis aos organismos sádios, em virtude da intensidade de trabalho que se atinge actualmente na luta pela vida, no *struggle-for-life* quotidiano em que não só os corpos mas tambem e principalmente os espiritos se consomem por maneira assustadora.

Para esse efeito, as Caldas de Monchique oferecem uma situação privilegiada pela sua posição corografica, que lhes proporciona um comodo isolamento, pela suavidade da temperatura que as envolve, pela macieza da luz que as illumina, coada por enorme vegetação alegre á vista e que perfuma saluberramente um ar de meia serra, fino, delicioso e ameno, que é um dos melhores — senão o melhor tonico para os pulmões.

Hoje, as curas de repouso, são parte obrigatoria á vida de todos os que sentem a necessidade de compellir as suas faculdades de trabalho a uma pratica excessiva, e que para isso precisam de conserva'la e de dar-lhe alento. Esse resultado facilmente se consegue, seguindo-se, durante a cura, um systema de terapeutica moderna, denominada *Biocultura*, que se baseia no tratamento profilatico e etiologico, e cuja acção se re-

duz simplesmente ao emprego dos agentes físicos, taes como: o ar, a agua, a luz, a temperatura, a alimentação, etc etc. factores que ali se encontram abundantemente.

Expostas assim as nossas impressões sobre a acção propriamente therapeutica que



CALDAS DE MONCHIQUE
EDIFICIO BALNEAR E CASINO

se nos afigurou, resta-nos apreciar as condições de exploração e as previsões de futuro.

A SUA AÇÃO FUTURA

As Caldas de Monchique, que até hoje tem tido, apenas, uma vida de equilibrio por considerações de ordem varia, devem, no futuro, desempenhar um papel importante, principalmente na vida economica das duas grandes provincias: Alemtejo e Algarve, por, alem de serem as unicas thermas existentes ao sul do Tejo, possuirem condições excepcionaes como sanatorio e como estação de repouso.

Assim, como estancia sanitaria, o seu desenvolvimento impõe-se; necessitando, simplesmente, que lhe sejam facultados os meios e conscienciosamente favorecida a sua exploração.

Em outro paiz que não fosse o nosso, essas thermas contar-se-hiam hoje entre as primeiras da Europa, porque seriam sabias e proveitosamente aproveitadas todos os recursos que directa e indirectamente contribuissem para esse fim. A sua proximidade da esplendida bahia de Lagos, a sua pouca distancia dos importantes centros ao Sul do Sado e, ainda, de Lisboa, pois que, com a construção do ramal do Valle do Sado e a abertura da estrada de Monchique a Saboia fica, apenas, a seis horas de viagem, alem d'uma facilidade de comunicações com a vizinha provincia hespanhola da Andaluzia, ter-lhe-hiam imposto o logar que, de ha muito, essa estancia devia ter.

Infelizmente, em Portugal, não obstante a iniciativa particular manifestar-se raramente, os obstaculos de todaa ordem que ela encontra, as dificuldades que se opõem a realisação de qualquer tentativa

e os obices que tem sempre de veeer, impedem a efectivação de emprezas onde os capitaes encontravam sufficiente remuneração, e os seus beneficios se estenderiam prodigiosamente a outras industrias subsidiarias, de não menos importancia. Tal é o caso das Caldas de Monchique.

A sua limitada exploração actual é originada pela falta de capitaes. Portanto, uma empreza que se constituisse, não só para esse fim, mas para usufruir igualmente dos beneficios das outras industrias que lhe são anexas, tais como o fornecimento de aguas, iluminação e viação, e ainda de toda a sorte de productos alemtejanos e algarvios, encontraria ali um verdadeiro manancial de receitas, d'onde extrahiria um juro compensador ao emprego de capital.

CONCLUSÃO

Resumindo em synthese as nossas impressões, devemos

dizer que elas foram relativamente agradaveis; mas a nossa alma voltou entristecida por ver mais uma vez confirmada a superior indiferença com que desprezamos as verdadeiras minas, as inexgotaveis fontes de riqueza onde a agua se estagna por um incomprehenivel sistema.

Não devemos, contudo, terminar esta singela descrição sem que deixemos aqui consignados os nossos agradecimentos ao Sr. Dr. João Bentes Castel-Branco, pelas deferencias que nos dispensou durante a nossa visita ás Caldas de Monchique, com cujo convite muito amavelmente nos quiz distinguir.

1917-Setembro

J. L.

Expressos do Porto

Toda a gente se queixava, e com razão do material com que eram compostos estes comboios, carruagens antigas e de

compartimentos isolados, que a Companhia tinha posto para tornar a sua composição mais leve.

Mas a Companhia, teve agora forma de resolver o assumpto, fazendo os comboios com carruagens modernas de corredor lateral, com lavabo e W. C., material esse acabado de construir nas oficinas de Santa Apollonia, e que é muito confortavel, apesar de não ser de bogies como moderamento se exige para comboios rapidos.

Estrada de Turismo

Va muito adiantada a construção da estrada de Monchique a Saboia, ou seja a de ligação da parte oeste do Algarve com a provincia do Alemtejo.

Esta estrada, que va de Portimão, ás Caldas de Monchique, Monchique a Saboia, galga o alto da serra de Monchique, em curvas caprichosas que nos permite ver a beleza selvagem da serra, uma das curiosidades mais notaveis do Paiz.

Oxalá ella não fique em meio, pois os poucos kilometros que faltam para a concluir, cabem facilmente nos orçamentos de viação dos districtos de Beja e de Faro.

Um abuso

Toda a gente sabe que o preço estabelecido para cada copo d'agua vendido nas estações dos caminhos de ferro, e cremos que desde o inicio da viação acelerada, é de ro reis. Pois actualmente como os vendedores a não podem açambarcar, por ella brotar espontaneamente da terra, resolveram elevar-lhe o preço; pois que cobrando um vintem dizem não ter moedas de dez, para dar de troco.

Em outras estações, decidiram vender a agua so por atacado, trazendo unhas pequenas bilhas de barro cheias d'agua, por que pedem um tostão. E por mais que o passageiro reclame um copo do precioso liquido, é inutil; tem que comprar a agua com bilha e tudo.

Chamamos a atenção da Companhia dos Caminhos de Ferro, que cremos, poderá reprimir taes abusos.



PORTIMÃO -
LARGADA DE UM BARCO
DE PESCA